

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



Pedaços da memória do Parque Moscoso

O tradicional Parque Moscoso, antigo logradouro público da capital, completa este mês 101 anos de existência e, por isso, estamos registrando o fato, passando para os distintos leitores um pouco da memória daquele pedaço da cidade que já teve sua época de glória e, nos nossos dias, ao cair da noite, se transforma em uma zorra total, sendo que uma das tônicas principais é a prostituição.

Bem, mas a coisa não foi sempre assim, muito embora a proximidade da região portuária, do mercado da Vila Rubim e, por ser caminho obrigatório dos malandros que iam para a zona boêmia da cidade, então situada na Volta de Caratoira, colaborassem de maneira direta para o entorno do velho Moscoso ser um ponto movimentado do centro onde, de vez em quando, o couro comia solto.

Em meados da década de 40, por exemplo, ficou célebre um confronto ocorrido entre soldados do Exército (os periquitos, devido a suas fardas verdes) e os marujos da Marinha de Guerra (os frangos-d'água ou patoris, como eram popularmente tratados naqueles tempos) que, de certa feita, se enfrentaram em uma incrível pancadaria que só foi contida quando patrulhas do próprio Exército e da Marinha se fizeram presentes para conter os ânimos.

Muito embora o quartel da Polícia Militar ficasse ao lado do parque, onde hoje é a Praça Misael Pena, o comando da corporação na época achou por bem não se envolver no episódio, pois eram tempos de guerra e eles, que também eram militares, que se entendessem.

Outra "guerra" bem diferente que ocorria naqueles tempos no velho Moscoso era entre o Campista e o Dudu, os dois únicos homossexuais assumidos que disputavam a preferência da rapaziada na Vitória dos anos 50.

Foram eles os precursores da "pegação de bofes" na capital e, quando estas figuras, ímpares naqueles tempos, se encontravam no Parque Moscoso, as árvores tremiam e geralmente a coisa acabava em baixarias que atraíam gente para assistir ao es-

petáculo.

Uma outra figura sempre presente no velho Moscoso era o saudoso Simão, O homem que tocava violão, como ele próprio se apresentava.

Irmão do saudoso Adalberto Simão Nader, um dos políticos de maior expressão no Espírito Santo, o bom Simão estava sempre com seu inseparável violão debaixo do braço, pronto para as famosas serenatas improvisadas pelas madrugadas nos bancos do Moscoso, que ainda não tinha grades em seu entorno.

E por ali, nas calçadas do extinto Dominó, Drink e do Bar do Caranguejo, algumas figuras marcaram época como, por exemplo, o Dunga da Lagoa, paquerador inveterado das meninas que estudavam no Colégio Americano, situado nas imediações; o Antonio Luiz Garrafa cujo apelido já deixa claro sua condição de emérito farrista; o Bolão, que mais tarde seria juiz de Direito na capital; o Sirôco, que se movia com dificuldade mas falava mais do que político em palanque; o Salomão, cuja mãe o buscava na marra para aulas de violino que ele detestava e muitos outros de diversas

gerações que depois se destacariam nos diversos segmentos sociais e econômicos da cidade.

Incluindo-se aí o autor destas mal traçadas linhas, aluno do Colégio Americano e assíduo frequentador dos extintos cinemas São Luiz e Santa Cecília que, por isso mesmo, homenageia o velho Moscoso da maneira que sabe fazê-lo, ou seja, registrando para a posteridade um pouco de sua história.

Que os capixabas e a municipalidade cuidem do velho e centenário Parque Moscoso com o carinho que ele merece.



Que os capixabas e a municipalidade cuidem do velho e centenário Moscoso com o carinho que ele merece